

Irmandade de Gaborone e Roma virou cólera, inimizade e ódio

— Job Mabalane Chambal, director no Ministério da Justiça

Finalmente o esperado encontro entre o Presidente Chissano e o Sr. Dhlakama realizar-se-á no próximo dia 17 do corrente. Trata-se de um encontro de esperança renovada para a dinamização e agilização da implementação dos acordos de Roma, única via para o estabelecimento de uma paz duradoura no nosso país. Embora não se possa comparar com a esperança e a expectativa que se apoderou do povo moçambicano nas vésperas da assinatura dos aludidos acordos. Naquela altura o povo esperou com o CORAÇÃO NAS MÃOS, como se costumava dizer, já que os acordos estavam quase que à beira do colapso, o que seria terrível para o nosso povo.

Senhores leitores, os acordos de Roma são uma das mais valiosas e inestimáveis conquistas da história da luta do povo moçambicano pela sua emancipação política e pela soberania nacional. Nenhum líder pode se dar ao luxo de deixar os acordos perderem-se, seja qual for o pretexto.

As contradições que opunham o Governo moçambicano e a Renamo antes dos acordos eram tão profundas, tão antagónicas que até parecia não haver nenhuma parte que ligasse as duas mangas ou forma que tornasse as contradições redutíveis. O fosso então existente punha dum lado os "comunistas" apoiados pela União Soviética e outros países do Leste e doutro lado os bandidos armados a soldo e mando do regime do "apartheid" e outras forças retrógradas do mundo.

Do nosso lado foi o Presidente Chissano que lançou a primeira pedra que iria construir a ponte que fez o fosso transponível e as contradições redutíveis, ao afirmar em público que deixaria de chamar os membros da Renamo e seus dirigentes de "bandidos armados" e que quem quisesse continuar a chamá-los era livre de o fazer.

Não foi fácil para ninguém, mesmo para os órgãos de informação.

No primeiro encontro face a face "Chissano-Dhlakama", organizado pelo

Presidente Robert Mugabe em Gaborone (Botswana), visando a remoção dos obstáculos que impediam o avanço do processo negociado de Roma, o Presidente Chissano dirigiu-se ao Sr. Dhlakama tratando-o de IRMÃO, atitude prontamente correspondida pelo Sr. Dhlakama.

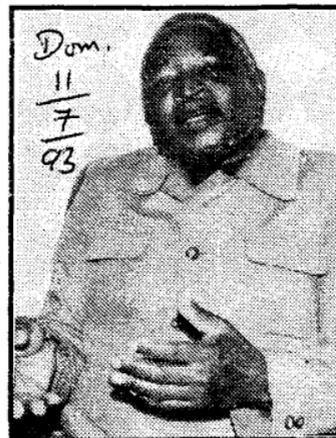
O termo irmão no sentido religioso significa uma plenitude de confiança e aliança em torno de um objectivo sagrado. Nós, tanto na FRELIMO, frente, como na Frelimo, partido, substituímos o termo com a palavra CAMARADA. Para nós isto significa que a arma que tínhamos ou que temos seja ela de fogo ou branca NUNCA se virará contra outro camarada. Andava-se e dormia-se lado a lado sem nenhum receio.

Esta confiança mútua construída espontaneamente entre o Presidente Chissano e Sr. Dhlakama julgou ter sido a razão do grande sucesso que coroou o primeiro encontro dos dois irmãos e que removeu os obstáculos que punham nos últimos retoques do processo negociado

em Roma.

Contrariando as expectativas criadas na reunião de Gaborone, em Roma, poucos dias antes da assinatura dos acordos, voltou a surgir outro escolho que seriamente ameaçava descarilar o processo relacionado com a questão das zonas sob influência da Renamo. Um encontro mais uma vez patrocinado pelo Presidente Mugabe foi realizado, culminando com o acolhimento pacífico da preocupação da Renamo, isto é, um acolhimento que não punha em causa a integridade territorial e a unidade nacional em causa, abrindo assim o caminho para a assinatura do Acordo Geral de Paz para Moçambique.

Em Roma logo depois de o Presidente Chissano e o Sr. Dhlakama terem posto as suas assinaturas sobre os acordos assistimos e testemunhámos um feito histórico que mesmo teria espantado os homens piedosos autores da parábola "o filho pródigo", se ainda estivessem vivos. Houve um forte abraço internacional entre os dois. Emocionado,



Job Mabalane Chambal

o Sr. Dhlakama até aumentou um pronome possessivo chamando o Presidente Chissano de "MEU IRMÃO". Que coisa inédita! Sim, o impossível já tinha acontecido.

Entretanto, a irmandade duramente alcançada viria a ser sol de pouca dura. Nos dias que se seguiram o Sr. Dhlakama e outros dirigentes do seu movimento começaram a abordar a questão de vencidos e vencedores em várias entrevistas de Imprensa. Nestas entrevistas, a Renamo não só se considerava de vencedor, mas também como único arauto da democracia no país. Embuído desta mentalidade e complexa, pouco a pouco os líderes da Renamo foram transformando o Acordo Geral de Paz para Moçambique em Acordos de Potsdam, que marcaram o fim da Segunda Guerra Mundial, assinados entre quatro potências aliadas vencedoras do mesmo, nomeadamente: Inglaterra, EUA, a ex-União Soviética e a França e os nazis.

Neste acordo os sobreviventes da Alemanha nazi assinaram a capitulação incondicional, enquanto que as quatro potências proclamavam a vitória a subsequente divisão e ocupação da Alemanha derrotada.

Daqui decorre a forma enfática e de certo modo incoerente com o postulado

nos acordos relativo à administração do país. Neste momento, quer queiramos, quer não, há uma divisão "de facto" do país. Consciente ou inconscientemente, Maringué não é mais do que Jamba em Angola pré-eleições multipartidárias. A sorte grande é que as zonas ditas sob controlo da Renamo do país não se situam em eixos Sul-Norte, porque se não já teríamos um território do tipo ex-Vietname do Sul e Norte, República da Coreia e República Democrática e Popular da Coreia, bem como a situação do Chipre dividido.

A livre circulação e realização de trabalho político dos elementos do movimento do Sr. Dhlakama, bem como a implantação física das estruturas que o movimento desfruta como resultado do Acordo Geral de Paz, são interpretados pelos líderes da Renamo como prova de fraqueza do Governo.

A linguagem dura, menos urbana e de ameaças que os dirigentes do movimento utilizam revela que a irmandade estabelecida em Gaborone e em Roma já foi substituída pela cólera, inimizade e ódio.

Esta atitude da Renamo forçou o Presidente Chissano a quebrar o jejum do discurso, tomando no seu discurso durante as celebrações do 1º de Maio uma linguagem vulgar até aquele momento, advertindo a Renamo que não nos matariam como galinhas. E

(Continua na pág. seguinte)

Irmãdade de Gaberone e Roma virou cólera, inimizade e ódio

(Continuado da pág. anterior)

não nos matariam como galinhas. É verdade que a declaração foi considerada inoportuna, mas não havia outra forma de dizer à Renamo que bastavam os sapos já engolidos.

Tendo feito estas considerações, gostaria de expressar a seguinte mensagem para o encontro no dia 17 de Julho entre o Presidente Chissano e o Sr. Dhlakama.

1. Que o sr. Dhlakama se desloque a

Maputo com plena consciência de que vai à capital do seu país sem receio de qualquer emboscada.

2. Que se repitam os abraços de Gaberone e de Roma, dotados neste momento com sentido racional de irmandade, camaradagem e patriotismo.

3. Que o encontro sirva para a abolição de desconfianças e suspeitas para que no seu lugar se estabeleça uma plataforma comum que permita a conjugação de esforços na procura de solução dos problemas que vão surgindo

no processo de implementação dos acordos de Roma, em particular os relacionados com a unidade nacional.

4. Que as diferenças políticas que nos opõem não nos tornem em inimigos mortais.

5. Que se estabeleçam mecanismos apropriados e concretos para que este tipo de encontros ganhe uma rotina para que não sejam só para desbloquear os nós de estrangulamento, mas também e sobretudo para apreciar os avanços alcançados no processo de

implementação dos acordos.

6. Que a importância das porções de terra sob controlo desta ou daquela parte só valem para os "Senhores da Guerra" que nem é política do Governo e creio nem é da Renamo.

7. Que o encontro aprofunde a questão da luta política no nosso país.

Finalmente faço votos sinceros e honestos para que o encontro não se esfume como o de Lichinga e nada de desapontamento do povo que só quer uma coisa: Paz Verdadeira e Duradoira.